

Cestas que falam. Personificação e objetificação em um contexto de guerra

SILVA, Sónia

Vidas em Jogo. Cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia.

Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais, 2004, 237 p.

Luciana Scanoni Gomes

Mestranda em Antropologia Social pela UNICAMP e integrante do GTTUR/UFMS (Grupo de Pesquisa e Trabalho em Turismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) luluscanoni@gmail.com



À luz dos novos estudos sobre a cultura material, nos quais oposições como instrumentalidade e arte, sujeito e objeto, coisas e pessoas vêm sendo dissolvidas, o livro de Sónia Silva nos brinda com um minucioso trabalho sobre os rituais de adivinhação com cesta, que tem como principal foco de investigação a cesta em si. Prescindida nas análises de Victor Turner e outros que estudaram esses rituais, centrando suas pesquisas em desvendar os simbolismos das peças divinatórias ou na cerimônia de iniciação do adivinho, a cesta surge na obra de Silva como uma entidade que age, pensa, responde e se vinga.

Fruto do trabalho de doutoramento defendido por Silva na Universidade de Indiana, *Vidas em jogo* é um livro que seduz pela originalidade e pela grande sensibilidade da autora ao produzir uma sólida etnografia num contexto de medo e insegurança, em que as pessoas não querem falar por temerem tanto o passado como o presente. Assim, como escrever sobre algo que os interlocutores silenciam e evitam? A solução encontrada pela antropóloga portuguesa foi incorporar o silêncio à sua narrativa e mais ainda: olhar para a *lipele*, nome que os Luvale dão à cesta utilizada nos rituais de adivinhação, trazendo-a para o cenário etnográfico como um elemento de suma importância na atualidade para os moradores de Chavuma, sejam forasteiros, sejam autóctones.

Localizado no noroeste da Zâmbia, região fronteira com Angola e a República Democrática do Congo, o subdistrito de Chavuma recebeu grande população de angolanos de língua luvale, refugiados de guerra, que se estabeleceram ilegalmente nessa área, desconsiderando os acampamentos oficiais a eles destinados. Desde então, sujeitos às mais variadas hostilidades, os angolanos tentam recuperar o controle sobre o seu destino, tendo a *lipele* como instrumento para refazerem sua vida no

exílio. Contudo, não é objetivo da autora discorrer sobre a história dos refugiados, e sim sobre a forma como eles exprimem sua vida tendo em vista que sua identidade social anterior foi violentamente abstraída. Inferiorizados e desprovidos de dignidade, os deslocados que vieram de um país em guerra perdem seu status de pessoas e se transformam em coisas. Objetificados, buscam na lipele um agente personificado, além de confiança e esperança. Assim, no Sul da África, pessoas e objetos têm uma identidade fluida: podem, em determinados contextos, tornar-se uma coisa ou outra.

O caso da cesta de adivinhação é bem peculiar. Diferentemente das cestas para carregar alimentos, a lipele é ao mesmo tempo considerada pelos adivinhos um objeto sagrado, um oráculo, e uma ferramenta mundana, um instrumento de trabalho. Para deslindar essa natureza ambígua, a autora, inspirada nos trabalhos de Igor Kopytof, faz uma biografia cultural do objeto, descrevendo seus estágios de vida e mostrando que, da mesma forma que uma pessoa, a lipele nasce, amadurece e morre. E é esse ciclo de vida que conduz a amarração dos capítulos do livro, denominados “Nascimento”, “Iniciação” e “Maturidade”.

Tudo começa quando um adivinho diagnostica que um homem adoentado está atormentado por um antepassado morto que também tinha faculdades divinatórias e agora quer que seu oráculo volte a desvendar o que está oculto. Se a cesta do espírito foi enterrada com ele, uma nova terá que ser encomendada a uma mulher que saiba fazer uma lipele mediante pagamento. Assim, a autora descreve toda a técnica de manufatura do artefato, bem como os ritos necessários que o diferenciam dos demais objetos entretecidos com raízes. Embora a lipele seja dotada de agência e bem distinta dos outros tipos de cestas em tamanho, profundidade e cor, os Luvale consideram-nas iguais. Para eles, o oráculo não possui nenhuma qualidade especial, “todos os objetos são igualmente úteis” (:83). No entanto, enquanto uma cesta para alimentos é jogada fora quando deixa de ter serventia, a lipele é enterrada à beira de um rio ou no topo de uma termiteira.

Uma das principais questões levantadas pelo livro diz respeito ao caráter utilitário que um objeto sagrado, como os oráculos, adquire em Chavuma. Objetos seculares e os relativos a cultos e rituais sempre ocuparam polos opostos na antropologia, com os segundos elevados a uma categoria superior pelos pesquisadores. Não obstante, o que Sónia Silva demonstra é que as percepções concernentes aos objetos são variáveis e diretamente relacionadas a contextos específicos; assim, o que ela faz nada mais é do que levar a sério o que os refugiados angolanos dizem sobre a cesta e o sistema divinatório, valorizando a experiência etnográfica em vez de sobrepor ao contexto modelos analíticos ocidentais.

É preciso destacar que as cestas de adivinhação e as cestas para alimentos não se assemelham apenas por exigirem a mesma competência técnica na sua produção, mas porque ambas são usadas de forma semelhante, como receptáculos. Enquanto uma contém as peças divinatórias, a outra guarda frutas, raízes, etc. Além disso, os dois tipos de artefato, ao serem segurados com as duas mãos e sacudidos, servem e prolongam o organismo dos seres humanos – são como extensões artificiais do corpo. Ao sacudir a lipele, o adivinho faz uso das mãos como qualquer trabalhador, por isso a adivinhação com cesta é um modo de saber, como bem identifica a bibliografia clássica antropológica, mas também é um saber incorporado, prático, conforme defende a autora, ao reconhecer que os saberes divinatórios não se restringem a um conhecimento intelectual. Esses sentidos atribuídos aos objetos são revelados pela abordagem fenomenológica que Silva faz da atividade divinatória fora do espaço ritual, ou seja, na vida cotidiana, ao contrário de onde se circunscreve a maioria dos estudos sobre essa temática na antropologia.

Tal abordagem mostra igualmente que, para os adivinhos, a adivinhação é trabalho e labor, uma ação equivalente a lavrar um campo, caçar ou peneirar cereais. Se seus oráculos são ferramentas de trabalho, a atividade que desempenham é seu ganha-pão, visto que em Chavuma há grande procura por essa prática tanto pelos zambianos como pelos angolanos. Dessa forma, os adivinhos conseguem alcançar identidade, sociabilidade, poder e bem-estar e seguem reinventando a sua condição de pessoa. Esse novo sentido atribuído ao sistema divinatório é defendido com maestria pela autora ao afirmar que, embora a adivinhação com cesta seja um ritual, à luz da realidade histórica na atualidade, ela também é percebida socialmente como trabalho lucrativo.

Se de um lado Silva apresenta as ações de desvendar o futuro por meio de lipele como trabalho e labor, e como um saber incorporado, por outro ela demonstra que a adivinhação é também um modo de fazer, com cantos e batuques prescritos, e um modo de recordar, pois a cesta é, para os adivinhos, uma fiel companheira que veio de um tempo remoto, passou por dificuldades e, envelhecendo junto, será enterrada com eles.

Repleto de metáforas deslindadas por Sónia Silva no transcorrer da narrativa, *Vidas em jogo* constitui-se em uma obra que, a exemplo do sentido da adivinhação para clientes e adivinhos, é uma “viagem rumo à clareza” não somente no que concerne ao universo da adivinhação numa dada configuração histórica. A meu ver, o livro é também uma experiência pela construção do texto etnográfico, na qual, ao longo do caminho, a autora mostra como é possível subtrair de um contexto nebuloso, ameaçador e silencioso uma bela etnografia, tendo em conta o modo como os “nativos” percebem a si mesmos. Por tudo isso, considero-o uma excelente contribuição aos estudos de cultura material, rituais e àqueles que se inserem na tradição etnográfica.

